

A subjetividade do horror em *Holocausto: vivência e retransmissão*, de Sofia Débora Levy

The subjective of horror in *Holocausto: vivência e retransmissão*, by Sofia Débora Levy

LUIS SERGIO KRAUSZ

Doutor em Literatura e Professor de Literatura Hebraica e Judaica na FFLCH/USP.

SEM DÚVIDA, UMA DAS QUESTÕES QUE MAIS PERPLEXIDADE GERAM ENTRE AQUELES que se defrontam com a história do genocídio judaico perpetrado pelos nazistas e seus colaboradores durante a II Guerra Mundial é a da presumida passividade das vítimas judias, que “teriam se deixado levar para a morte como gado para o abatedouro”. Tal alegação, um lugar-comum reiterado por pensadores que vão de Simone de Beauvoir e Hannah Arendt até os expoentes daquela ideologia que, no fim dos anos 1940 e início dos 1950, via com maus olhos os sobreviventes alquebrados que chegavam a Israel depois de terem se defrontado com o inferno na Europa, funcionou como o desencadeante da original pesquisa realizada pela psicóloga Sofia Débora Levy em *Holocausto: vivência e retransmissão*, volume recém-lançado pela Editora Perspectiva, com o apoio da Confederação Israelita do Brasil.

Ao abordar este tema, sem dúvida espinhoso, a autora adota uma perspectiva original em dois sentidos. Em primeiro lugar, porque se propõe a analisar não a grande história, os incontáveis registros que dão conta de como milhões de vítimas foram arrancadas de suas vidas quotidianas em todos os quadrantes da Europa e levadas para os campos de concentração e de extermínio, mas sim histórias individuais, por meio de entrevistas com sobreviventes que buscam compreender o que se passava na intimidade daqueles que, sob a opressão da maquinaria assassina dos alemães, se viram, de um momento para o outro, privados de todas as suas referências existenciais. E, em segundo lugar, porque parte não dos pressupostos da historiografia, mas do relato humano e dos seus significados: como boa psicóloga que é, a autora empenha-se em *compreender* o que se passava na interioridade subjetiva de cada uma das vítimas, que assim têm restituídos, por meio de seus relatos, seus estatutos humanos, passando da situação de vítimas para a de pessoas.

O que levava essas pessoas a um tal estado de perplexidade e de atordoamento que tornava qualquer tipo de reação impossível? Como elas se defrontavam com a situação de “não-seres” que lhes foi imposta por meio da perda de todas as referências geográficas, familiares, sociais e econômicas?

Para tentar encontrar respostas para essas indagações, a autora arma-se, primeiramente, de um arsenal de conceitos teóricos, derivados, sobretudo, da psicologia existencial de Victor Frankl, que, por sua vez, é respaldada por conceitos formulados por pensadores como Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl, Martin Buber e Erich Fromm, assim como pelo existencialismo e pelo pensamento filosófico da Escola de Frankfurt. Passa, então, a investigar os processos existenciais dos prisioneiros, tomando, como ponto de partida, entrevistas com os sobreviventes, as quais evidenciam a validade dos

conceitos estabelecidos por Frankl, ele mesmo um sobrevivente do genocídio.

Observando seus companheiros de destino, isto é, aqueles judeus que, deportados para os campos de concentração, não foram destinados imediatamente ao extermínio nas câmaras de gás e sim aos trabalhos forçados, em condições desumanas, Frankl chegou à conclusão de que aqueles que, de alguma forma, conseguiam preservar a força da consciência, isto é, a capacidade do homem de transcender sua situação concreta imediata e viver em termos do possível – esta capacidade que proporciona a liberdade psicológica, dando-lhes um sentido para a existência – tinham as melhores chances de sobreviver às adversidades. Possuíam algo que dava sustento às suas vidas psíquicas, enquanto os demais sofriam de colapsos que lhes apagavam a chama da vida e os reduziam à condição de mortos-vivos.

Porém, se para Frankl a esperança em encontrar algum sentido para todo o sofrimento era a única maneira de manter-se vivo, o estado de permanente ansiedade rapidamente minava as forças psíquicas dos prisioneiros. “Reagir dentro das circunstâncias em que vivíamos demandaria organização, que nós não tínhamos, para podermos matar o inimigo – mesmo sem armas, pois com inteligência também se mata”, diz um dos entrevistados. “Não pensava como uma pessoa deve pensar, só pensava em sobreviver ao próximo minuto. Isso era a nossa luta”, diz outro.

Os testemunhos em primeira mão a que recorre a autora são cada vez mais escassos na medida em que passa o tempo, e os relatos reunidos nesta pesquisa evidenciam as dimensões ontológicas do genocídio. Torna-se claro que o extermínio foi algo que começava no âmbito do espírito, pois a condição judaica era, do ponto de vista da ideologia nazista, a condição do não-ser, e o aparelho geno-

cida foi organizado, desde o princípio e em toda a sua extensão, para persuadir suas vítimas de que não mais havia para elas nenhum lugar no mundo.

Ao tentar desvendar as realidades psíquicas enfrentadas pelas vítimas, portanto, a autora busca afastar-se dos estigmas para compreender as vítimas a partir de uma perspectiva dialógica, no sentido criado por Martin Buber. A narrativa do sobrevivente, assim, torna-se o objeto de uma análise que busca compreender a *Weltanschauung*, a visão de mundo cristalizada em cada um dos dez entrevistados (escolhidos entre os cerca de 140 sobreviventes do genocídio que se radicaram no Rio de Janeiro), em decorrência de sua vivência sob as garras dos perpetradores.

O livro tem também a virtude de contextualizar a emergência do nacional-socialismo na Alemanha derrotada na I Guerra Mundial e humilhada pelo Tratado de Versalhes, compreendendo-a à luz de conceitos teóricos que estudam a emergência de uma cultura de massas sob o totalitarismo, que promoveu a banalização do mal, fundamentado no distanciamento burocrático entre os executores das ordens de extermínio e a realidade dos campos. Vêm também à tona, portanto, as distorções e aberrações nas consciências dos perpetradores e dos seus aliados, sem as quais não teria sido possível o funcionamento do empreendimento assassino por eles posto em marcha. Surge, a partir daí, o conceito de Holocausto ontológico, isto é, de uma aniquilação da humanidade que se dava, simultaneamente, em três níveis: individualmente, pela negação da identidade; socialmente, pelo desamparo e pela desagregação familiar e pela discriminação generalizada; e objetivamente, pela impossibilidade de relacionar-se com a natureza e pela privação de alimento.

Outro aspecto do genocídio evidenciado pelas entrevistas é o de que as vítimas, na imensa maio-

ria dos casos, foram sujeitas à manipulação de informações e à divulgação deliberada de ilusões por seus algozes, de maneira que os judeus, ludibriados por falsas promessas e por falsas esperanças, eram conduzidos aos seus lugares de cativeiro acreditando que estariam se dirigindo a lugares de trabalho no interior da Alemanha.

O cotidiano sob o nazismo assenta-se sobre parâmetros que desafiam nosso entendimento normal da condição humana: o aviltamento de uma população civil sem capacidade de reação bélica, a privação radical da sua identidade humana e a persuasão de que o indivíduo se transformou numa coisa a ser eliminada acaba, muitas vezes, prevalecendo sobre a capacidade de resistir e sobre a esperança de um retorno à condição humana.

Com o desaparecimento iminente dos últimos sobreviventes, estudos como o de Sofia Débora Levi propõem um olhar original sobre a posição das vítimas, ao mesmo tempo em que contribuem, de maneira significativa, para a preservação da memória de um dos mais bárbaros acontecimentos da história humana, ocorrido justamente naquela parte do mundo que arrogava para si a posição de sede da civilização e do progresso. Esses relatos de sobreviventes, assim, inscrevem-se num novo contexto: convidam o leitor a colocar-se na pele dos que sofreram a deportação, os trabalhos forçados e a ameaça permanente do extermínio, deslocando-o de sua posição habitual.

Ao final, a autora propõe que, em vez de perguntar por que “os judeus deixaram-se conduzir para a morte como o gado para o abate”, se pergunte como os judeus conseguiram sobreviver ao Holocausto em meio a adversidades tão extremas.

REFERÊNCIAS

LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: Vivência e Retransmissão*. São Paulo: Perspectiva: Conib, 2014.